

SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
**XXIX SIC**  




múltipla   
**UNIVERSIDADE**  
inovadora  inspiradora

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2017
<b>Local</b>	Campus do Vale
<b>Título</b>	A Royal African Company e os interesses ingleses no tráfico de escravos para o Brasil na primeira metade do século XVIII
<b>Autor</b>	GABRIEL FAVRETTO
<b>Orientador</b>	FABIO KUHN

**Autor:** Gabriel Favretto

**Orientador:** Fábio Kühn

**Instituição:** UFRGS

**Título:** *A Royal African Company* e os interesses ingleses no tráfico de escravos para o Brasil na primeira metade do século XVIII

**Resumo:**

Quando se fala em tráfico de escravos no Brasil, a imagem mais recorrente é aquela dos desembarques no Rio de Janeiro promovidos pelos grandes traficantes do século XIX. Muito pouco se fala sobre a inserção dos ingleses nesse comércio, mesmo tendo sido grandes agentes do tráfico negreiro durante o século anterior. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é propor uma análise dos interesses ingleses no tráfico de escravos para o Brasil na primeira metade do século XVIII, através do estudo da atuação da *Royal African Company*, companhia inglesa que comerciava diversas mercadorias na costa oeste africana, sendo notável sua participação no comércio escravocrata pelo Atlântico. A delimitação do tema começou a partir do projeto de pesquisa: *Conexões negreiras: redes trans-imperiais de contrabando de escravos no Rio da Prata (1740-1777)*. No projeto, entrei em contato com os *State Papers - Portugal*, provenientes dos *National Archives* de Londres, que contem desde cartas entre diplomatas britânicos até documentação sobre as políticas coloniais inglesas. A partir destas fontes, pretendo elucidar algumas das direções da companhia para o tráfico de escravos para o Brasil. Transcritos os documentos, comecei o estudo das correspondências trocadas entre a Corte inglesa (Duque de Newcastle) e seus representantes em Lisboa (Lord Tyrawly) envolvidos em tais negociações, no final da década de 1730. Nesse sentido, foi possível perceber uma grande resistência por parte da Corte portuguesa que via a entrada da Inglaterra no comércio de escravos para sua principal colônia como uma intromissão. A Coroa, manobrando retoricamente os ingleses, invocava as leis portuguesas para barrar tal “intromissão” indevida. O tráfico seria, portanto, um privilégio que o rei cedia a seus súditos no Brasil e, infringir isso, seria burlar a legislação que a própria monarquia estabelecera na América portuguesa. Pretendo, por fim, discutir essas questões em perspectiva com as obras de Charles Boxer e William Pettigrew, referências no estudo dos interesses ingleses no Brasil e na *Royal African Company*.